



Departamento de Sociologia

## Diferentes Olhares Sobre Um Ponto Comum: Ser-se Professor

Telma Isabel Leal Caixeirinho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Sociologia, Especialidade em Família, Educação e Políticas Sociais

Orientador:  
Doutor Pedro António da Silva Abrantes,  
Investigador CIES - ISCTE-IUL

Outubro, 2009

## **Resumo**

O presente trabalho incide sobre os percursos pessoais e profissionais de professores e das percepções que estes têm acerca da sua profissão, das suas atitudes (pessoais e profissionais), da relação que estabelecem com os seus alunos (dentro e fora da sala de aula), e na influência que o meio social pode exercer em todos estes aspectos. Como se trata de um estudo exploratório, realizaram-se entrevistas a seis professoras (cuja carreira se situa entre os dez e os vinte e cinco anos) da disciplina de Língua Portuguesa, em escolas do Alentejo. Recorreu-se, também, à observação de aulas no intuito de poder captar os modos de interação entre professor-aluno assim como encontrar pontos comuns, ou não, entre as seis histórias. O resultado da análise resultou nalguns pontos de convergência nomeadamente o percurso que fizeram, o momento que atravessam profissionalmente (onde impera a desmotivação como consequência das inúmeras mudanças que o sistema educativo atravessa e, também, da mutação do papel do aluno e famílias), e o modo como vêem a sua função e qual deveria ser a função de um aluno. Os olhares divergem quando a análise entra no campo pessoal, destaque para o facto de terem ou não família constituída, e nos laços que criam (ou não) com os seus alunos, sobretudo, dentro e fora da sala de aula.

**Palavras-Chave:** Professores / Relação professor-aluno / Identidade profissional / Percepções

## **Abstract**

This paper focuses on the personal and professional courses for teachers and the perceptions they have about their profession, their own actions (personal and professional), the relationship they establish with their students (within and outside the classroom), and the influence that the social environment can have on all these aspects. As this is an exploratory study, interviews were conducted with six teachers (whose career is between ten and twenty-five years) in the discipline of English in schools in the Alentejo, is also resorted to observing lessons in order to capture the modes of interaction between teacher and student and also to find common ground or not, among the six stories. The result of the analysis resulted in some points of convergence, namely, the path they took the time to go through professionally (in the prevailing lack of motivation, a result of numerous changes that the education system through, and also the changing role of students and families), and how they see their role and what should be the role of a student. Looks differ when the analysis enters the field staff, especially the fact of whether or not family based, and the bonds that create (or not) with their students, especially within and outside the classroom.

**Keywords:** Teacher / teacher-student / professional identity / Perceptions

*Aos meus pais,  
professores de toda uma vida.  
Ao Prof. António Fraga,  
o meu eleito.*

## Agradecimentos

Ao colocar um ponto final neste trabalho, resultado de um ano difícil e intenso, não posso deixar de agradecer a algumas pessoas e entidades que, por motivos profissionais e/ou pessoais, marcaram a minha vida (é meu desejo que continuem a fazer parte dela).

Todas e quaisquer palavras não chegarão para expressar a minha gratidão ao Professor Doutor Pedro Abrantes. Das inúmeras hesitações que tive ao longo do meu percurso, a escolha do professor Pedro como orientador foi, sem dúvida, a decisão mais fácil e acertada. Foi muito mais do que um orientador... acreditou neste projecto, e nas minhas capacidades, enquanto eu questionava tudo. A sua grandeza é visível no seu profissionalismo mas, para quem tem o privilégio de se relacionar com ele sabe que, a sua grandeza é ainda maior como indivíduo. Abriu-me as portas deste mundo difícil mas fascinante que é a Sociologia da Educação. Sou uma privilegiada!

Aos professores e professoras que, por motivos profissionais e, sobretudo, para esta investigação, muito contribuíram para que este trabalho fosse de encontro ao pretendido. Foram dadas sugestões, contadas histórias/experiências e tudo isso não foi esquecido. A eles também tive oportunidade de dar a minha opinião acerca da **profissão professor**: continua a ser **a profissão mais nobre**. Deixo aqui uma palavra especial às professoras que aceitaram o desafio de participar neste projecto: professoras Rita e Clarisse (foi um prazer revê-las e relembrar velhas histórias), professora Paula, professora Catarina e professora Anabela. Devo este trabalho a todas vós!

A todas as escolas (Escola 2, 3 Mário Beirão (Beja), Escola 2,3 Dr. Manuel Brito Camacho (Aljustrel), Escola Secundária de Aljustrel e Escola Básica Integrada de Cuba), aos responsáveis, alunos e funcionários por me receberem de braços abertos.

Da Instituição ISCTE, quero deixar registado o meu reconhecimento a todos os professores com quem tive oportunidade de aprender imenso desde o ano de 2001, nomeadamente, e sei que é uma injustiça mencionar apenas um nome, mas vou fazê-lo, o excelente profissional Professor Doutor Fernando Luís Machado. Aos colegas de licenciatura e mestrado, aos que ficaram amigos... Guida, Maria João e Cátia, principalmente. Continuar a fazer parte do ISCTE, agora através do CIES, é uma honra para mim.

A nível profissional, quero agradecer também todo o apoio e incentivo do Tiago Caeiro, com quem aprendi imenso nos últimos meses, à investigadora Doutora Luísa Veloso, com que estou a dar os primeiros passos numa nova fase, e à Daniela Craveiro. Peço desculpa se algum nome ficou por dizer.

No plano pessoal, mas que muito contribuíram para este trabalho, aos meus pais, que viveram intensamente esta experiência, a eles dedico este e todos os meus trabalhos, à Bárbara Godinho e Francisca Vaza, por tudo, à D. Céu, a pessoa mais especial que conheci em Lisboa, à Cândida, à Cristina Patrício e Jorge (obrigado pela disponibilidade), à família e a todos os meus amigos (a família que eu escolhi, e eles sabem quem são) pela paciência, pelo apoio... obrigado por fazerem parte da minha vida. Terei de destacar, pela ajuda preciosa, as minhas amigas Sofia e Maria João. E referir os dois seres que são “os meninos dos meus olhos”: Alexandre e Catarina.

Por fim, as últimas palavras vão para o profissional que considero ser o meu eleito, António Fraga. Ao professor de Português, desde o 9º ano até ao Secundário, pela capacidade extraordinária de ter marcado **definitivamente** a minha vida. Por serem tão verdadeiras as palavras que um outro professor disse um dia, “um aluno consegue resistir a um mau professor mas nunca será capaz de resistir a um bom professor”. Este trabalho comprova-o.

Lisboa, Outubro de 2009

## Índice

Introdução	p.8
Capítulo I - Revisão Bibliográfica (estado da arte)	p.10
Bibliografia	p.14
Capítulo II – Contextualização	p.15
Bibliografia	p.17
Capítulo III – Metodologia	p.18
Bibliografia	p.21
Capítulo IV - Seis olhares sobre um ponto comum	p.22
Caso A – “[A relação professor-aluno] é uma relação de pessoas”	p.22
Caso B – “Não confio nos meus alunos”	p.26
Caso C – “Percebi que ensinar é apenas uma parte do meu trabalho”	p.30
Caso D – “Agora chamam-me avó”	p.34
Caso E – “Quando não estou cá [na Escola] um dia, acho que já não sobrevivo”	p.37
Caso F – “Sou um bocadinho a professora que as circunstâncias criaram”	p.40
O olhar sobre os olhares... e algumas sugestões	p.43
Anexos	p.46

## **Introdução**

Um bom profissional não é aquele que dá boas notas, que tem turmas com resultados exemplares, um bom docente é aquele que, para além de tudo isto, consegue tocar/marcar as pessoas/alunos. Tentar entender esta ideia à luz da sociologia foi um desafio arriscado, e nem sempre é conseguido mas, por detrás de um profissional há uma pessoa, e foi por este caminho que se desenhou esta pesquisa. A profissão docente continua a ser uma das mais estruturantes e importantes da vida de todos nós. Por essa razão, e por considerar que há pessoas que nos marcam e nos moldam para toda a vida, a decisão do tema principal desta tese recaiu sobre o ser-se professor.

A leitura de obras na área das ciências sociais e, sobretudo, nas ciências da educação lançavam o desafio para que novas pesquisas se debruçassem sobre o indivíduo, não apenas sobre o profissional, que tomassem como ponto de partida as opiniões, as influências, as origens e gostos pessoais e em que medida isso contribuía para marcar a diferença no campo profissional, na sua relação com os alunos e no modo de estar na profissão. Este foi o repto que resultou neste trabalho: *Diferentes olhares sobre um ponto comum: ser-se professor*.

Um dos autores de referência deste trabalho, até pelo seu papel preponderante no estudo da Educação em Portugal, é António Nóvoa. Mas outros autores são referência importante e marcam directa ou indirectamente esta investigação, é o caso de Huberman, Claude Montandon, Philippe Perrenoud ou Erving Goffman. No que respeita à metodologia, as referências principais vai para a obra de Isabel Guerra.

Este trabalho divide-se em vários capítulos, desde a revisão bibliográfica, contextualização, metodologia, terminando no capítulo sobre os diferentes olhares sobre um ponto comum. Aqui, as histórias são apresentadas individualmente, divididas por subtemas, dá-se primazia à palavra do professor, por isso muitas das histórias são citadas, ou melhor, é utilizada directamente as palavras do próprio docente. Finalmente, o capítulo termina com o olhar sobre os olhares... e algumas sugestões. Como o próprio nome indica, trata-se de estabelecer comparações, fazer convergir alguns pontos entre as várias histórias. Em anexo, apresenta-se um exemplo de modelo utilizado numa das aulas observadas e, também, o guião de entrevista.



## Diferentes Olhares sobre um ponto comum: ser-se professor

De referir que os nomes das escolas e das professoras são omissos por opção. Embora, haja referência a essas mesmas escolas e docentes, mas não de forma particular. As escolas são todas da Região do Baixo-Alentejo, distrito de Beja, as professoras são seis, e aceitaram o desafio de colaborar nesta investigação através da realização de uma entrevista (duração de quase duas horas cada), e de observação de aulas, de duas turmas, no total de quatro aulas por professora. O que se segue é o resultado de tudo isto, e da oportunidade de contacto prolongado no tempo, só possível graças à cumplicidade estabelecida entre professoras e investigadora.

## **CAPÍTULO I – Revisão Bibliográfica (estado da arte)**

Sendo o objecto central deste trabalho o Professor – o professor como pessoa e como profissional – e a forma como este se relaciona com os seus alunos, torna-se fundamental concentrar e “absorver” o que investigadores (não exclusiva mas principalmente da área da sociologia) trataram acerca deste tema. Para tal, e de forma a dar uma maior consistência a esta investigação, propõe-se como linhas de orientação algumas propostas apresentadas por alguns dos autores, e que vão, concretamente, ao encontro do que se pretende. Mas vamos por partes.

Primeiro, importa definir “eu pessoal” e “eu profissional”, o mesmo será dizer, a identidade pessoal e identidade profissional. A identidade pessoal é a construção de si mesmo, fruto da socialização, da origem, das experiências, dos valores, culturas e contextos de cada indivíduo, neste caso do Professor. A identidade profissional, para além da formação por que todos os professores são sujeitos, resulta do caminho percorrido sob a orientação do que António Nóvoa (1992) denominou de “três AAA” (Adesão, Acção e Autoconsciência). Significa isto que, a construção de um Professor requer a aquisição de “princípios e valores”, e capacitação para trabalhar com e para o aluno. Para tal, é preciso agir. E a decisão de qual a maneira e o modelo a adoptar está relacionado com o lado “pessoal” do Professor. Cada profissional percorre o seu caminho, por estradas ou atalhos, do modo em que considera ser o mais adequado sem nunca deixar de consultar o mapa e/ou a bússola (regras, técnicas e métodos da docência). Por fim, o profissional deverá ser capaz de se questionar e reflectir sobre se o caminho que adoptou foi aquele que deveria ter seguido. Esta é considerada pelo autor “uma dimensão decisiva da profissão docente, na medida em que a mudança e a inovação pedagógica estão intimamente dependentes deste pensamento reflexivo.”<sup>1</sup>

O estilo de vida, as marcas pessoais contribuem decisivamente para a sua conduta profissional, sendo até mais importantes que a própria formação. É por esta razão que muitos dos estudos sobre docentes, nomeadamente, aqueles cuja temática se assemelha à desta investigação, optam pelo estudo das “histórias de vida”, recorrendo a metodologias como a elaboração de diários (de aula), observação e entrevistas, e desta forma revelar as singularidades do profissional e da profissão.

---

<sup>1</sup> In NÓVOA, António (Org.) (1992); *Vidas de Professores*, p. 16

Contudo, e apesar das singularidades, é possível definir um percurso, mais ou menos homogêneo, pelo qual estes profissionais passam. A carreira do docente é marcada por fases distintas. Tal como na vida pessoal, também no campo profissional se vivem momentos de descoberta/aventura de um novo mundo, momentos de afirmação, de dúvidas e decisões, de (des)motivação, de entrega e de frustração, etc. Michaël Huberman (1989)<sup>2</sup> é a principal referência neste ponto, ao criar um quadro teórico com as várias etapas do ciclo de vida do Professor (que seguidamente serão abordadas de forma muito breve).

Embora não seja rigoroso o cumprimento das etapas nos anos tidos como referência certo é que todos os profissionais se deparam com uma fase de “Entrada/Tacteamento” (que corresponde aos três primeiros anos de actividade). Segue-se o período de “estabilização” que se verifica normalmente entre o quarto e sexto ano de carreira.

Depois, a fase que corresponde a um período mais alargado (que vai dos 7 aos 25 anos de carreira), este é o *timing* do docente ser mais ele, confiar nas suas ideias/projectos e colocá-los em prática. Apostar em novas formas de exercer a profissão ou consolidar aquela que até então não estava devidamente implantada. Pretende intervir, tem novas ambições, é também o momento de maior proximidade com o seu público, com os seus alunos. Mas, ao mesmo tempo, este também é o período do “questionamento”. Uma vez que as experiências não correm de igual modo a todos actores/professores, alguns colocam várias interrogações quanto à sua actividade/actuação, fazem uma retrospectiva do que a profissão representa, e representou até então, se as expectativas criadas foram superadas ou não, se a Escola, o Sistema Educativo, se o(s) aluno(s), se ser professor é, ou não, aquilo que eles julgavam/esperavam ser. Este período/fase requer especial atenção porque é aqui que se insere o grupo de professores desta investigação, contando com estas diferentes realidades/perspectivas.

Huberman completa o ciclo do professor com mais duas etapas. A que vai dos 25 aos 35 anos de carreira, e que significa um período de “serenidade/distanciamento afectivo e/ou conservantismo”, ou seja, o autor refere que tal acontece por já existir uma diferença de idade considerável entre o professor e os seus alunos o que leva, desde

---

<sup>2</sup> In NÓVOA, António (Org.) (1992); *Vidas de Professores*, p.47

logo, a um diferente tipo de abordagem entre ambas as partes, o que não sucedia, por exemplo na fase anterior. Finalmente, dos 35 aos 40 anos de carreira, a fase do “desinvestimento”. É o momento em que a disponibilidade para novas experiências e para mudanças é fraca, ou mesmo inexistente. Aguarda-se de um modo “sereno ou amargo”, consoante o resultado/balanço das fases anteriores, pelo epílogo da vida profissional. Mas até chegar a este ponto há um longo caminho a percorrer, como já foi aqui referido.

Voltando ao início, o começo da carreira, ao momento em que o jovem profissional contacta com o novo mundo. A interacção entre Professor e Aluno é tida como a interacção que o actor estabelece com o seu público/audiência, como refere Goffman na sua teoria. Desde logo, é ponto assente que o primeiro contacto é fundamental e ditará as futuras interacções. Deve ficar clara qual a função correspondente a cada parte. Há um papel, ou vários, a representar, ao Professor estão estipulados direitos e deveres a que este deve saber desempenhar em várias “ocasiões para os mesmos tipos de audiência ou para um público formado sempre pelas mesmas pessoas.”<sup>3</sup>

Tendo sempre em conta que a Escola é, por excelência, um espaço multicultural, heterogéneo, representativo da sociedade, os próprios lugares/locais que a compõem proporcionam diferentes tipos de interacção. A acção do professor está condicionada a este facto. A actuação do professor dentro da sala de aula, palco principal, e a relação que estabelece com a sua turma não é, necessariamente, a mesma fora dela.

O “desempenho” do professor/actor também é condicionado pela imagem que ele cria sobre cada elemento do seu público. Esta imagem preconcebida é elaborada com a informação (pessoal/familiar) acerca do jovem. Nomeadamente, e é frequente, ter conhecimento do histórico relativo ao percurso do aluno naquela escola e em anos anteriores. O que diferencia a imagem, e a expectativa, de um determinado aluno do outro são factores como a classe social, o sexo, etc. A este acontecimento, o autor Carlos Gomes (1987) chamou de “interacção selectiva”. Define-se por “interacção selectiva” o “tratamento humano e pedagógico diferenciado em função do estatuto social, consoante os alunos se ajustarem ou não aos estereótipos de «bom» e «mau»

---

<sup>3</sup> In GOFFMAN, Erving (1959, 1993), *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, p.27

aluno”<sup>4</sup>. O texto deste autor dá um importante contributo para aquilo que se pretende com este trabalho. O professor tem em mente, embora nem sempre o admita, um aluno modelo, a que Becker define de “cliente ideal”<sup>5</sup>. Este mais não é do que alguém que corresponda ao que ele idealizou. Se o professor considerar que o seu “cliente ideal” será aquele que é participativo, atento ao que diz e que apreende tudo o que ele ensina nas suas aulas, então, todos os alunos que não correspondam a este padrão constituem não só um problema ao seu desempenho, como é a causa dos diferentes tipos de interacção e tratamento.

O modo como o professor se relaciona com o seu aluno, o tipo de relação que ambos estabelecem, quer dentro quer fora da sala de aula, são indiciadores do sucesso ou insucesso escolar desse mesmo aluno. Quer isto dizer, as expectativas que o professor deposita no aluno acabam por se vir a confirmar, tal não é a influência e o poder que o professor/actor tem perante o seu aluno/público. Sobre isto, alguns autores, como Sara Delamont, Erving Goffman, e outros, falam de “profecias que se concretizam”<sup>6</sup>.

Até agora, já foram mencionados pontos-chave para esta investigação. A construção da sua identidade profissional, e a importância da identidade pessoal no seu desempenho da sua profissão. A carreira profissional marcada por várias etapas e a relação entre o professor e os seus alunos. Importa referir, e foi essa a matéria mais vinculada neste texto, que interessa para esta investigação (embora esteja consciente que seria mais rica a investigação se a informação obtida abrangesse as duas partes) é, essencialmente, a visão/acção do professor com os seus alunos.

---

<sup>4</sup> In GOMES, Carlos Alberto (1987) “*A interacção selectiva na Escola de massas*”, p. 46

<sup>5</sup> Becker citado por Carlos Gomes (1987) em “*A interacção selectiva na Escola de massas*”, p.37

<sup>6</sup> In GOMES, Carlos Alberto (1987) “*A interacção selectiva na Escola de massas*”, p. 44 e 45

### Bibliografia

GOFFMAN, Erving (1959, 1993), *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa, Relógio d'Água.

GOMES, Carlos Alberto (1987) “A interacção selectiva na Escola de massas” in *Sociologia: Problemas e Práticas* Nº 3, CIES, p. 35 - 49

NÓVOA, António (Org.) (1992); *Vidas de Professores*; Colecção Ciências da Educação (4); Porto: Porto Editora.

PERRENOUD, Philippe (2002) “Os sistemas educativos face às desigualdades e ao insucesso escolar: uma incapacidade mesclada de cansaço” in Duarte, J.B. (dir.) *Igualdade e Diferença. Numa escola para todos*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2002, pp. 17-44 (version portugaise de “ Les systèmes éducatifs face aux inégalités et à l'échec scolaire : une impuissance teintée de lassitude ”, in Hexel, D. (dir.) *Voyage dans un espace multidimensionnel. Textes réunis en l'honneur de Daniel Bain*, Genève, Service de la recherche en éducation, 1999, pp. 53-69).

## CAPÍTULO II – Contextualização

A escolha da região do Baixo Alentejo para esta pesquisa, nomeadamente, escolas do distrito de Beja, justifica-se por questões de várias ordens: desde logo, e sendo uma das zonas do país que apresenta maior envelhecimento da população, assiste a um abandono permanente dos jovens por não encontrarem nesta região as oportunidades, sobretudo profissionais, que esperavam. A falta de oferta, ou de diversidade da mesma, também se tem registado ao nível da oferta educativa das várias escolas. Na última década, tem-se assistido à crescente aposta em Cursos de Educação e Formação (CEF), e noutras alternativas educativas, a fim de dar resposta a uma população em alerta de abandono escolar, sem completar sequer o ensino básico. A nível de gestão e organização escolar, a constituição dos chamados Agrupamentos Escola também trouxe alterações que, para este estudo, não foram tidas particularmente em conta. Uma vez que estão inseridas em meio predominante rural, pois três das escolas estão sediadas em vilas e uma na cidade, todas elas recebem alunos vindos de meios rurais (aldeias e lugares).

Três das quatro escolas abrangidas são Escola-sede de Agrupamento, geralmente com apenas 2º e 3º ciclo de ensino, há excepção de uma em que também tem Jardim de Infância. A outra escola do estudo é Secundária com 3º Ciclo. A população escolar das quatro escolas/agrupamento varia entre os 500 e os 1200 alunos, aproximadamente. Assim, a denominada **Escola 1**, que ao todo contém 4 Escolas no Agrupamento, é a que contém um maior número de alunos, com cerca de 130 professores e 50 pessoal não docente. Segundo dados dos Relatórios de Avaliação Externa e do Projecto Educativo desta escola, menos de 20% dos alunos têm Apoio Social. O concelho que acolhe esta escola tem cerca de 36 mil habitantes, distribuídos por 18 freguesias. Na **Escola 2**, com 6 escolas no Agrupamento, e concentrando cerca de 500 alunos, exercem a profissão de docente 75 pessoas, enquanto o pessoal não docente são cerca de 30. Aqui, 17% dos alunos apresentam carências. Já o concelho desta escola tem cerca de 5000 mil habitantes, espalhados por 5 freguesias. A **Escola 3**, sede de Agrupamento dum total de 12, conta com 830 alunos, cujo Apoio Social se situa nos 30%. O corpo docente é composto por 110 profissionais, aproximadamente, e o pessoal não docente por 40 elementos. Por fim, a **Escola 4**, constituída por cerca de 470

alunos, conta com cerca de 70 docentes e 30 funcionários. As duas últimas escolas situam-se no mesmo concelho, composto por cerca de 10 mil e 200 habitantes (num total de 5 freguesias). Todos os edifícios escolares foram construídos na década de 90 e início deste século, logo, apresentam boas condições de leccionação.

As habilitações literárias dos encarregados de educação dos alunos destas escolas situam-se ao nível do ensino básico de 2º e/ou 3º ciclo (6º e 9º ano). A nível profissional, a agricultura continua a assumir um papel importante nas famílias deste Alentejo, assim como, nalguns casos, a indústria mineira, o sector de serviços e áreas/profissões liberais. Importa referir que o número de desempregados também é significativo.

A oferta de Serviços, de Cultura e de infra-estruturas (de saúde e outras) que geralmente são um importante factor de atracção também nesta região são limitados, embora existam, e são poucos diversificados. Esta realidade obriga a deslocações aos grandes centros urbanos, nomeadamente, a Lisboa e a Faro. Ao contrário de muitos outros meios rurais, ou do interior do país, estas escolas estão locais estratégicos, próximas de grandes vias de transporte, como é o caso da Auto-estrada. Por outro lado, a pouca oferta de transportes públicos continua a ser uma das condicionantes quer para a prática profissional (sobretudo, para a população que vive em meios pequenos) e também para os alunos, crianças e jovens que, muitas vezes, têm apenas dois autocarros por dia (de manhã e ao final da tarde) para se deslocarem.

Posto isto, e sabendo que uma das condições de se ser professor é a mobilidade, considereei pertinente abordar este ponto que traduzirei numa questão: *o que fez com que permanecessem na região (nalguns casos, na mesma escola) quando se sabe, à partida, que essa não é a sua primeira (nem segunda) opção?* Sobretudo quando se trata de docentes sem qualquer ligação, pelo menos numa fase inicial do exercício da profissão.



## Bibliografia

Projecto Curricular de Escola – Escola Secundária c/ 3º Ciclo do Ensino Básico de Aljustrel, 2008/2009.

Projecto Educativa de Escola – Escola Secundária c/ 3º Ciclo do Ensino Básico de Aljustrel, 2008/2009.

Projecto Educativo do Agrupamento Escolas N°2 de Beja – Mário Beirão (2005/2008 – reformulado), Beja 2008/2009.

Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas de Cuba (Triénio 2005/2008), Cuba 2007.

Sites:

Câmara Municipal de Beja:

[http://www.cmbeja.pt/portal/page?\\_pageid=53,36229&\\_dad=portal&\\_schema=PORTAL&detalhe\\_docv2=30000347114&cboui=30000347114](http://www.cmbeja.pt/portal/page?_pageid=53,36229&_dad=portal&_schema=PORTAL&detalhe_docv2=30000347114&cboui=30000347114) (Agosto 2009)

Inspeção Geral de Educação - Relatório de Avaliação Externa (Setembro 2009):

[http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE\\_2008\\_DRA/AEE\\_08\\_Agr\\_Aljustrel\\_R.pdf](http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2008_DRA/AEE_08_Agr_Aljustrel_R.pdf)

[http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE\\_2008\\_DRA/AEE\\_08\\_Agr\\_Cuba\\_R.pdf](http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2008_DRA/AEE_08_Agr_Cuba_R.pdf)

<http://www.ige.min-edu.pt/upload/AE2007-DRA/AE%20Ag%20Beja2%20R.pdf>

### **CAPÍTULO III – Metodologia**

Os vários estudos, sobretudo em Ciências da Educação, elaborados sobre a vida escolar, sobre práticas lectivas, a vida dentro da sala de aula, geralmente focando-se no aluno, tem recorrido geralmente ao diário de aula e/ou diário do professor, às histórias de vida, e entrevistas, isto no que se refere à análise mais qualitativa, ou na aplicação de inquéritos por questionário, para a análise quantitativa.

O desafio desta pesquisa foi, e tratando-se de um trabalho exploratório, sem qualquer pretensão de chegar a grandes conclusões passíveis de se extrapolar para o universo da docência, conjugar dois métodos de pesquisa: a observação participante<sup>7</sup>, numa primeira fase, e a entrevista (semi-directiva)<sup>8</sup>, em que foi possível confrontar as primeiras informações retiradas da observação. Os resultados deste confronto foram, nalguns casos, surpreendentes. Não menos importante foi ter a possibilidade de acompanhar, num registo informal, as seis professoras. Momentos de descontração, fora do registo da sala de aula, ou de estar perante um gravador. As informações obtidas nestes momentos são, com toda a certeza, determinantes para o resultado final de cada caso. Como a professora Isabel Guerra (2006) menciona na sua obra sobre análise de conteúdo<sup>9</sup>, é importante conseguir estabelecer uma certa cumplicidade com o entrevistado, ou com a população que será alvo da pesquisa. Este trabalho, julgo que foi conseguido.

Entre o início de observação das aulas e a realização da última entrevista há um intervalo de 5/6 meses (o primeiro momento sucedeu em Janeiro de 2009 e o último em Junho). Largos meses que permitiram assistir a diferentes fases da vida escolar, o que também foi uma mais-valia para este estudo.

A escolha das escolas e das professoras que participam neste estudo foi feito por fases. No início deste trabalho, o ponto de partida seria estudar professores cujos anos de carreira se situassem entre os 7 e os 25 anos, tendo em conta a teoria de Huberman que defende que se trata de anos/fase em que há dois caminhos possíveis: ultrapassados anos de adaptação a uma nova realidade, os professores passam por este momento em

---

<sup>7</sup> Vide Anexo 1.

<sup>8</sup> Vide Anexo 2.

<sup>9</sup> In Guerra, Isabel (2006); *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e formas de uso*

que ou apostam na profissão, querendo inovar na forma de estar na profissão ou de dar as suas aulas, estando próximo dos alunos, ou, pelo contrário, começa a desinvestir na tua carreira, chegando até a optar por abandonar a docência. Assim sendo, as 6 professoras encontram-se neste intervalo de tempo, mais propriamente, entre os 10 e os 25 anos de carreira. Outra condição de partida era que leccionassem turmas do 9º ao 12º ano, por se considerar serem estes os anos fundamentais da vida dos alunos.

A fim de ser possível encontrar turmas com alunos das várias áreas de ensino, optou-se pela escolha de professores de Língua Portuguesa, por ser esta a disciplina comum a todos. Posto isto, foram contactadas várias escolas do distrito de Beja, contactos por carta, telefone e presencialmente, e, igualmente, os coordenadores pedagógicos e/ou os próprios professores. A resposta positiva surgiu das 4 escolas, e de 6 professoras. Importa referir que, outras professoras se mostraram disponíveis para colaborar mas os anos de carreira não correspondiam aos requisitos exigidos e, por este motivo, não foram incluídas. Contrariamente, também houve escolas que se recusaram a participar, uma decisão do Órgão de Gestão da escola e não do próprio docente.

Voltando à questão da metodologia, a abordagem aos alunos, também eles com um papel fundamental neste trabalho, nomeadamente na observação das aulas, foi feita consoante a vontade de cada professora. Por este motivo, havia turmas/alunos que já souberam com grande antecedência desse facto e que, para outros, foi uma situação inesperada (muitas vezes, pensavam que se tratava de uma avaliadora/inspectora, teoria fomentada pela própria professora, um indicador do ambiente vivido em sala de aula, como se irá ver no próximo capítulo). Mais uma vez, importa reter que esta foi uma decisão exclusiva das professoras, tal como a escolha das turmas a serem observadas. Aqui, umas optaram por querer mostrar a diversidade de turmas, outras optaram por turmas mais “equilibradas” a nível de desempenho/resultado escolar. Das professoras que leccionam quer ao 3º ciclo, quer ao secundário, foi escolhida uma turma de cada ciclo de ensino. Assim, foram observadas 7 turmas de 9º ano, e 5 turmas de secundário.

As entrevistas tiveram, em média, uma duração de aproximadamente duas horas. Tratando-se de entrevista semi-directiva, a primazia foi dada às entrevistadas, limitando-se a entrevistadora a dar algumas orientações sobre os temas a abordar. O resultado foi muito positivo, pois os pré-requisitos estavam ultrapassados, nomeadamente, o à vontade/ a cumplicidade desejada para se obter informação útil e

válida. Este aspecto foi de extrema relevância uma vez que, e convém referi-lo, foram estudados aspectos da vida pessoal, o que desde logo, não é fácil de conseguir. Não obstante, sabe-se que com esta opção de pesquisa também se corre riscos, nomeadamente, quando se apela à memória, ao reviver/relembrar situações ocorridas muitos anos antes. Um dos pontos que jogou a favor desta pesquisa foi a realização da entrevista, nalguns dos casos, em dias diferentes, logo, na segunda vez, em algum ponto que as docentes não lembraram, fizeram questão de mencioná-lo no segundo momento.

Bibliografia

BRITO, António de Paula (2005) *A Propósito da Elaboração de Teses*, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.

GUERRA, Isabel (2006); *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e formas de uso*, PRINCIPIA

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van (1995); *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva

FOODY, William (1993); *Como Perguntar. Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*, Celta

SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (orgs.) (1ª edição 1986, 2001); *Metodologia das Ciências Sociais*, Edições Afrontamento

## **CAPITULO IV – Seis olhares sobre um ponto comum**

As histórias que aqui se apresentam são o resultado de origens, percursos e experiências de vida muito heterogêneas. Diferentes olhares sobre um ponto comum: ser-se professor.

### **Caso A – “[A relação professor-aluno] é uma relação de pessoas”**

#### **Dados biográficos**

Nome: Maria

Idade: 44 anos

Naturalidade: distrito de Setúbal

Anos de Carreira: 18 anos

Escola onde lecciona: Escola 2

Estado Civil: Casada (2 filhos, de 7 e 6 anos)

Hobbies: Cozinhar, receber amigos

#### **A.1- Um olhar sobre o “eu pessoal”/Vida pessoal**

Razões familiares têm pautado o percurso de vida desta professora. A sua fase enquanto aluna “não brilhante mas certinha, menina querida da professora”, como confessa, ficou marcada por um incidente de saúde que acabou por condicionar um ano decisivo do seu percurso escolar. A licenciatura foi feita numa universidade que lhe permitia regressar a casa todos os dias. A primeira experiência profissional, enquanto professora aconteceu, após o convite de uma ex-professora, para dar aulas de substituição, também na cidade de onde é natural. Como aluna também a marcou uma professora de 9º ano de Língua Portuguesa e que voltou a ser orientadora de estágio, “o que dificultou um pouco o meu estágio, porque eu não conseguia vê-la como orientadora, era a professora de 9º ano, e eu tratava-a por você...tínhamos 4 anos de diferença. Mantinha sempre a distância, sentia-me muito pouco à vontade”.

A vinda para o Alentejo, e a sua permanência, deve-se igualmente a motivos familiares, neste caso, o casamento. Percorreu várias escolas da região, desempenhou

cargos executivos, sobretudo na sua escola de eleição, aquela em que “se pudesse, regressava já para lá”. O impeditivo prende-se com mais um acidente, que a fez decidir que deveria tentar ficar perto de casa. A escola em questão foi a que deixou maiores recordações, criaram-se laços que ainda hoje perduram. Do seu grupo de amigos, “talvez 50%” sejam professores, “tenho muitos amigos professores, tenho muitos amigos... que se tornaram família, conhecemo-nos nas escolas”. Na presente escola, em que está há 7 anos, “tenho pessoas muito amigas com quem tenho relações muito próximas. A algumas [colegas] os meus filhos até lhes chamam tio/tia”.

O facto de ter dois filhos menores, que estudam na mesma escola, fá-la ter uma exposição maior perante a comunidade escolar. Todos se conhecem e, com bastante frequência, é abordada por colegas/funcionários/alunos acerca dos filhos. Em relação à maternidade, e ao facto partilharem o mesmo espaço durante o dia, pode levar a que se entenda que está mais próxima deles, mais presente, mas a professora Maria confessa que os filhos acabam por ser prejudicados por isso. O seu papel de encarregado de educação acaba por ser confundido com o de colega/professora e já aconteceu perder reuniões por não haver cruzamento de informação. A maternidade fez com que tivesse um maior cuidado “nas críticas, nas observações que faço aos filhos dos outros, porque penso sempre ‘não sei se os meus vão fazer isto um dia’”.

Quanto aos gostos pessoais, o que mais lhe permite descontraír é cozinhar. Receber amigos (grande maioria colegas de profissão) e cozinhar para eles. “O que deixei de fazer foi ler, ir ao cinema, que já não vou há 6 anos. Ter tempo para reflectir... de fazer tudo isso mas não consigo conciliar as coisas”.

## **A.2- Um olhar sobre a profissão**

Ser professor é... “acima de tudo, gostar daquilo que se faz... quer dizer, já se torna tão difícil... É ter a pretensão de transmitir aos outros, e no meu caso específico, o gosto pela leitura, o gosto pela escrita e o que isso tudo envolve. É também ser uma pessoa que convive durante um ano com outras pessoas, que são os alunos, e não nos podemos esquecer que somos pessoas”, é esta a percepção acerca do que é ser-se docente, “o lado ideal” como afirma. “Hoje, para mim, ser docente é uma carga de burocracia, é fazer coisas que eu não gosto de fazer e (...) acabamos por descurar um bocadinho do que nós gostamos de fazer, que é ensinar.”

No que respeita às percepções que os outros (os colegas) terão de si... “sei lá... nunca pensei sobre isso... devem pensar que eu sou uma pessoa muito pouco pontual, porque chego atrasada a todo e qualquer sítio, que devo ser desorganizada, mas eu sou muito organizada, simpática e bem-disposta, mas isso é como pessoa. Como profissional... não faço ideia. Não devem de achar que eu sou incompetente.”

No futuro... “eu digo muito, mas acho que é da boca para fora, que gostava de mudar de profissão, porque o gosto que tinha já não o tenho. Ser-se professor está-se a transformar numa coisa que não é bem professor, é um burocrata e associado a isso ser professor. Daqui a 10 anos vejo-me como professora mas duvido que tenha as mesmas capacidades, já vou notando alguma intolerância.”

### **A.3- Um olhar sobre a relação com os alunos (dentro e fora da sala de aula)**

“Eu sofro muito por os meus alunos”, confessou (emocionada) num dia em que os alunos do 9º ano se encontravam a realizar um exame decisivo para o percurso escolar deles. A relação dentro da sala de aula também é bastante próxima, e pessoal.

Como Directora de Turma de uma das turmas observadas é visível, e é assumida, a ligação mais estreita com aqueles jovens. Aliás, a noção da importância do papel de director de turma é fundamental no dia-a-dia daquela escola, e os próprios docentes têm isso muito presente, pois é um factor de mediação de conflitos e também de orientação para os alunos. Esta professora é muito solicitada nesse campo, mesmo através das relações que estabelece com os respectivos encarregados de educação, e na forma como contribui para a resolução de problemas pessoais/familiares dos alunos. Durante este tempo, também houve abordagens de alguns encarregados de educação durante os intervalos das aulas, no corredor, na biblioteca, etc.

As aulas assistidas, que decorreram na modalidade de “par pedagógico”, ou seja, que contou com a presença de um outro profissional que, neste caso, se encarregou de dar maior apoio aos alunos com algum tipo de dificuldade, e que fez trabalho de logística (ir buscar material para a aula), etc. As aulas da professora Maria foram muito musicais, o que agrada sempre aos alunos. Uma forma de aprendizagem não só da matéria mas da cultura nacional. Os alunos eram, nestes momentos, participativos mas, num registo mais dito “normal/tradicional”, as abordagens/participações eram feitas,



regra geral, de forma involuntária. De registrar dois ou três alunos que faziam questão de se destacar dos demais, mas situações pontuais e “controladas” pela professora.

O discurso da professora também era bastante acessível e “maternal”. Foram constantes as referências à vida pessoal da professora, por parte dos alunos, e os alertas desta para o facto de conhecer os encarregados de educação e poder falar com eles caso não existisse entendimento (mas de em tom de brincadeira).

#### **A.4- Um olhar sobre a Escola**

Tal como já foi referenciado anteriormente, as motivações que levaram esta professora a permanecer na escola onde lecciona deve-se a questões familiares. Contudo, a adaptação não foi difícil “tenho facilidade em agradar a gregos e a troianos”, diz. Da mesma forma que mantém uma óptima relação com os colegas e pessoal não docente, tudo isto foi possível de confirmar nos momentos “informais”.

No que respeita à organização escolar, particular referência positiva à existência de “pares pedagógicos”, uma mais-valia que não está garantida num futuro próximo, face aos encargos que acarreta e que, nem sempre, é concretizado em resultados escolares.

Também como foi referido, logo no início, a passagem por várias escolas revelaram-se experiências muito positivas. A sua escola de eleição, aquela em que a gostaria de trabalhar, não é a presente escola mas, mesmo assim, não pensa em mudar.

## **Caso B – “Não confio nos meus alunos”**

### **Dados biográficos**

Nome: Bárbara

Idade: 39 anos

Naturalidade: Distrito de Coimbra

Anos de Carreira: 16 anos

Escola onde lecciona: Escola 3

Estado Civil: Casada (1 filho, 1 ano)

Hobbies: Gozar a maternidade

### **B.1- Um olhar sobre o “eu pessoal”/Vida pessoal**

Até ao final percurso universitário a sua vida foi passada na terra natal, tal como os primeiros anos de profissão, com alguma instabilidade e indefinição. Enquanto aluna, houve uma professora de Língua Portuguesa do 11º ano, com quem ainda mantém contacto, que foi quem a marcou particularmente, e a razão pela qual optou por leccionar (e a mesma disciplina).

A vinda para o Alentejo, e para a localidade onde lecciona, prendeu-se, inicialmente, por motivos profissionais mas a sua permanência deve-se a razões pessoais e familiares. Actualmente, não pretende mudar, até porque “o meu filho é alentejano”. Como filha adoptiva da terra, considera-se uma privilegiada por se sentir bem naquele local e ter um olhar diferente sobre ele, ter a possibilidade de (graças aos bons acessos) “pegar no carro e ir para fora aos fins-de-semana”.

A ideia de qualidade de vida que faz questão de reforçar nas suas conversas e até mesmo nas aulas, estende-se, essencialmente, ao campo pessoal/familiar “eu, em meia hora de intervalo, consigo ir a pé ao infantário do meu filho, coisa que não acontece nas grandes cidades”. Recorre à comparação com a vida de uma amiga/colega de trabalho que está em circunstâncias consideradas “piores” porque, mais de uma década de profissão, continua a percorrer longas distâncias, consequência de ter optado por ficar numa grande cidade.

“Para a minha vida ser perfeita, e o que me falta, é haver o teletransporte para ir a casa dos meus pais [que vivem a mais de 300 km]”, conclui.

## **B.2- Um olhar sobre a profissão**

Logo nos primeiros anos como docente, viveu uma experiência traumatizante, ao sentir-se “marginalizada” por alunos e pelo próprio Executivo ao saberem que a sua passagem seria temporária, “era uma escola confusa, o que valia era que estava perto de casa”. Foi a única má experiência não só profissional mas, acima de tudo, pessoal ao longo destes 16 anos de carreira.

Esta professora estabelece uma diferença entre a relação que estabelece com as pessoas, nomeadamente, os alunos, dentro e fora do espaço escolar. Repete várias vezes “eu, quando sou professora...” como se pudesse, com facilidade, distinguir a sua identidade profissional da pessoal.

Para a professora Bárbara, é certo que “não quero ser recordada como a boa professora em que [nas aulas] não se fazia nenhum”, do mesmo modo que assume “nós precisamos disso [do reconhecimento dos ex-alunos] porque senão damos em doidos”. No fundo, o professor existe para ensinar um aluno, e o seu trabalho terá mais ou menos mérito consoante o percurso e o reconhecimento do aluno. “Actualmente, sinto que estou a desperdiçar o meu talento e a minha vocação, sinto que hoje ninguém me dá valor, e isso mexe muito comigo”.

Quanto ao futuro... “apesar de estar muito descontente, não me vejo a fazer outra coisa do que dar aulas. Mesmo se ganhasse o euromilhões continuava a dar aulas, com outra leveza, é certo, mas a minha revolta é mais contra o sistema do que com os alunos”.

## **B.3- Um olhar sobre a relação com os alunos (dentro e fora da sala de aula)**

Os melhores alunos, em termos de resultados escolares, encontro-os logo nos primeiros tempos de profissão, “foi o único 19 que dei até hoje, e foi naquela turma em particular”. Tendo em conta a relação humana, os melhores alunos “tendo em conta tudo, foram os desta escola. O nosso problema com os alunos é a faixa etária que os separa. Tive uma turma muito boa no Secundário a nível humano, ainda hoje me dou com eles, tive uma turma muito boa aqui, que foi minha direcção de turma durante 3 anos e, mesmo por causa disso, criei outro tipo de afinidade com eles.”

A relação/comunicação que se estabelece com alunos de diferentes idades é, obrigatoriamente, diferente mas, para esta professora, foi uma mudança complicada (sobretudo quando se trata de alunos do ensino básico). Esta dificuldade de

comunicação ficou patente nas aulas assistidas, essencialmente, os alunos não entendiam nem correspondiam ao modo irónico e metafórico de leccionar desta professora, do mesmo modo que a pouca (ou nenhuma) cultura geral não permitiam uma maior inovação dentro da sala de aula, embora houvesse essa tentativa por parte da docente que sublinha que “nos últimos anos tenho notado um decréscimo das capacidades dos alunos (...) estão cada vez mais desmotivados, preguiçosos, sem perspectivas de vida”. No que se refere ao comportamento dos seus alunos nunca teve problemas porque, diz, “ainda consigo impor alguma autoridade. Eles respeitam-me porque eu os respeito a eles”.

Diz não dar muita confiança aos alunos, “não dou telefones, não dou e-mails, se me quiserem contactar, contactem pelas vias oficiais. Cada macaco no seu galho porque o aluno, quando é aluno, quando tu dás ‘o dedo’ ele pede-te ‘o braço’... eu não confio nos meus alunos”. Ao mesmo tempo considera que, por esta razão, mantém uma excelente relação com ex-alunos, “contam-se pelo dedo de uma mão os [ex-]alunos que passam por mim e não me falam”.

Quanto aos encarregados de educação, o aspecto que lhe causa maior estranheza é “os pais darem tudo aos filhos. Tentam compensá-los... não sei de quê. Eu tive um aluno que tinha 2 televisões no quarto, isto faz-me uma grande confusão”. Assim como, o facto de as famílias não fazerem um esforço para que as crianças vejam/leiam noticiários, ou não comunicarem com os filhos porque eles estão a ver televisão ou no computador.

#### **B.4- Um olhar sobre a Escola**

“Não gosto de escolas com blocos, são escolas desumanas, não há alma... assemelham-se a prisões... a estruturas físicas das escolas não me agrada em nada”, diz ao referir-se ao que menos lhe agradou nas escolas por onde passou.

Quanto aos recursos que as escolas oferecem, sobretudo nas últimas que leccionou, considera não existirem grandes recursos. Apesar do esforço de modernização/implementação de material informático/tecnológico, “para a disciplina que eu lecciono, não me interessa muito. Interessa-me muito mais haver obras de apoio na biblioteca”.

Quanto ao primeiro impacto ao chegar à vila onde lecciona há 12 anos (após um ano de interregno), “fartei-me de chorar (...) mas passei a ter um sentido de distância completamente diferente do que tinha porque eu, no ano anterior, tinha ficado [colocada] a 80 km de Coimbra e achava que estava no fim do mundo, depois fiquei a 375 km e comecei a aperceber-me que, afinal, 80 não assim o fim do mundo”. Mas considera ter sido muito bem recebida pelos responsáveis de colegas da escola. Após o primeiro impacto, a adaptação foi fácil. As mudanças de escolas que implicam mudanças de ciclos de ensino constituíram “um grande choque” para a professora.

Esta professora manifesta alguma revolta/descontentamento pelo facto dos seus alunos serem “muito ingratos para a terra porque, bem ou mal, têm uma qualidade de vida que não encontram noutros sítios. Aqui, dado o contexto social e económico, não terão tantas perspectivas mas, em termos de qualidade de vida, de tempo, aqui há muito mais qualidade que nas grandes cidades”.

### **Caso C – “Percebi que ensinar é apenas uma parte do meu trabalho”**

#### **Dados biográficos**

Nome: Antónia

Idade: 34 anos

Naturalidade: Distrito de Aveiro

Anos de Carreira: 13 anos

Escola onde lecciona: Escola 4

Estado Civil: Solteira (sem filhos)

Hobbies: praticar desporto

#### **C.1- Um olhar sobre o “eu pessoal”/Vida pessoal**

Natural de uma grande cidade, de uma família de professores, o seu grupo de amigos é, naturalmente, constituído quase na totalidade por colegas de profissão. O percurso como estudante foi feito na sua cidade natal, teve uma experiência muito positiva a nível pessoal como a participação do Programa Internacional ERASMUS, durante um ano, em França.

Enquanto aluna, relembra uma professora de Língua Inglesa que “puxava por mim. Aliás, é a única professora de que me lembro do Básico.” Já na faculdade, houve um professor que “me marcou muito”, leccionava literatura portuguesa, “era muito exigente, fazia-me trabalhar muito, muito, mas aprendi muita coisa com ele”. Durante os momentos informais, o nome deste professor foi mencionado diversas vezes, tal como na entrevista, aquando das recordações enquanto aluna, aquele profissional teve particular destaque.

A vinda para o Alentejo, e para a vila, justificou-se por motivos profissionais. O que até então a manteve ligada à escola e à terra foi, em primeiro lugar, o facto de estar em Quadro de Zona, depois, por motivos pessoais (os mesmos que a fazem, agora, concorrer a outra região do país) e, também, pelos amigos. Por esta razão também, durante alguns anos trabalhou no Sindicato dos Professores, que permitiu ter flexibilidade, nomeadamente, trabalhar em casa.

### **C.2- Um olhar sobre a profissão**

Ser docente ... “passa por transmitir alguns conhecimentos, mas acho que cada vez mais se está a perder essa parte, infelizmente, é ser pai, mãe, psicólogo... é tanta coisa que, neste momento, é muito difícil definir o que é ser-se professor. Eu já não sei o que é ser professor, (...) percebi que ensinar é apenas uma parte do meu trabalho.” A justiça é algo que faz com que impera na sua profissão.

Quanto à imagem que considera que os colegas terão de si, enquanto profissional, “eu sei que, e é uma coisa que me deixa satisfeita é, as pessoas que eu considero serem bons professores, competentes, são aquelas que me elogiam pela minha competência, e isso é tão importante... Por outras palavras, dizem que eu dou muitas horas à escola, mesmo quando não era para fazê-lo, nunca falto, eu levo muito em conta a opinião dessas pessoas”.

A relação estabelecida com alguns colegas, continua a ser, ainda hoje, um contacto muito próximo mas admite que é impossível haver uma relação próxima com todos eles porque, “quase todos os anos há professores novos”. Reconhece que, actualmente, é muito menos receptiva aos novos elementos, novos colegas, é mais selectiva quando se trata de manter uma relação extra-profissional.

### **C.3- Um olhar sobre a relação com os alunos (dentro e fora da sala de aula)**

Mantém uma excelente relação com os alunos, e ex-alunos, embora no caso dos ex-alunos só agora sinta o “retorno” do seu papel na vida deles. Alguns deles, alunos de há mais de dez anos, contactaram esta professora a fim de recuperar contacto, o que a deixou surpreendida e, ao mesmo tempo, com a sensação que, “assim, vale a pena”.

A professora transmite serenidade dentro e fora da sala de aula, logo, não é difícil, sobretudo tratando-se de alunos já do secundário, existir harmonia dentro da sala de aula. Nas aulas assistidas, foi possível identificar uma cumplicidade/afinidade com uma das alunas, confirmada pela professora na entrevista, em que a relação entre ambas já ultrapassa os muros da escola. Esta aluna revelou um interesse muito especial pela disciplina, pela leitura e pela escrita, o que orgulha muito a professora.

As aulas assistidas eram formais/tradicionais (baseada na oralidade assente na figura da docente) embora a relação professor-aluno fosse bastante informal, sobretudo na turma de 12º ano. Quanto à turma de 11º ano, como a disciplina leccionada era de

Literatura portuguesa, havia mais oportunidade de inovar, aliás, os alunos estavam a preparar uma peça de teatro sobre uma das obras estudadas. Outro factor que se considera ser positivo para criar um ambiente harmonioso é a constituição das turmas, cada uma delas tinha pouco mais que 10 alunos. Fez questão de destacar na entrevista que “eu tenho uma excelente relação pessoal com eles dentro da sala de aula mas que não é tão pessoal, pelo menos da minha parte, fora dela”. Do mesmo modo que considera ser tão importante a motivação de parte a parte, “já disse a eles e aos pais que, mesmo que eles não achem uma matéria muito interessante, se turma demonstrar que não está a gostar da matéria, também me é difícil, enquanto professora, motivá-los. Eles sabem que também têm de me motivar”.

Transportar factos da vida pessoal para dentro da sala de aula acontece quando algum aluno faz uma pergunta directa acerca do assunto. Confrontada com uma das situações de uma das aulas assistidas, em que os alunos comentaram um facto da vida pessoal, a professora admite que eles sabem dessa informação porque, anteriormente, alguém a questionou nesse sentido. Ser professora, e não apenas Directora de Turma faz com que conheça muito melhor os seus alunos do que eles a ela, mas não se trata de esconder (não é um acto consciente), sucede assim simplesmente, “eu acho que eles também têm o cuidado de não perguntarem certas coisas a meu respeito”.

Quanto à evolução dos alunos, em geral, no que se refere ao seu comportamento, considera que têm piorado imenso, que já não manifestam qualquer respeito pela figura do professor. Essa indisciplina/desmotivação acaba por, segundo Antónia, prejudicar os bons alunos. Lamenta o facto de os pais/encarregados de educação não se aperceberem (natural ou propositadamente) deste agravamento do comportamento dos filhos e que está a colocar em causa, não só os próprios futuros, como o futuro dos colegas. Os pais continuam a fazer “as vontades” aos filhos, independentemente do seu desempenho escolar.

### **C.4- Um olhar sobre a Escola**

Tal como sucedeu com outros profissionais que não eram naturais do Alentejo, ou de uma terra com poucos habitantes, o primeiro impacto ao chegar a esta vila (embora depois tenha percorrido outras escolas da zona) foi “estranhíssimo, não tinha nada a ver com os sítios por onde eu tinha andado, achei calmo mas não fazia ideia [de



como seria], eu conhecia o Norte, nunca tinha saído muito da minha zona...”. Mas a adaptação foi muito boa, graças também ao facto de, na altura, existirem muitos professores novos, “unimo-nos muito”.

O facto de o meio ser predominantemente rural faz com que, segundo a professora, provoque nos alunos um desinteresse quanto ao seu futuro, “eu via na minha cidade, que tem universidade, os alunos logo desde o 7º ano faziam tudo para ir para lá. Cá, só no Secundário, é que revelam algum tipo de interesse. Os miúdos não têm muito interesse em sair daqui”.

Quanto aos recursos da escola que lecciona, considera ficarem muito aquém do desejável/necessário, “não é muito fácil aceder a salas equipas”. Acha que a falta de recursos limita as aulas, ou seja, realizar aulas diferentes e apelativas.

### **Caso D – “Agora chamam-me avó”**

#### **Dados biográficos**

Nome: Daniela

Idade: 52 anos

Naturalidade: Distrito de Beja

Anos de Carreira: 25 anos

Escola onde lecciona: Escola 1

Estado Civil: Casada (1 filho, 27 anos)

Hobbies: Não tem.

#### **D.1- Um olhar sobre o “eu pessoal”/Vida pessoal**

Natural do distrito de Beja, a sua vida pessoal e profissional sempre foi vivida na região. Até ao 12º ano estudou nesta cidade, os estudos a nível do superior ocorreram (já numa fase mais avançada na vida adulta, depois de ter iniciado a leccionação) noutra cidade alentejana. O seu percurso profissional pautou-se apenas por passagens por escolas do distrito, “eu nunca quis sair, mesmo quando estudei, achava que não me desenrascava em Lisboa, também já namorava...”. A escolha da docência foi por acaso mas “eu sempre quis algo relacionado com crianças. Hoje em dia acho que seria assistente social ou psicóloga.”

Nunca pensou mudar, até porque tem muitas responsabilidades familiares que não permitem afastar-se. Por este motivo, não tem hobbies, “eu tenho muita necessidade de ter tempo para mim, mas não tenho hobbies porque não tenho tempo”.

#### **D.2- Um olhar sobre a profissão**

A sua vida profissional confunde-se com a vida pessoal, mas, ao mesmo tempo, no que se refere ao tipo de relação, à diferença de papéis, há uma grande diferença dentro e fora da sala de aula, logo, dizer que esta professora encara esta profissão, e os alunos, de uma forma quase “maternal” não será despropositado, “até o meu marido diz ‘ela não tem um filho, tem uma quantidade deles’”.

Para a professora Daniela, ser docente, “para além de ensinar, tento ser o mais o mais profissional possível, cumprir com o programa mas nada de expositivo, não gosto

de expor”, como acabou por suceder nas aulas assistidas. A professora tem noção que as aulas assistidas não corresponderam às aulas que gosta de dar mas justifica que a matéria também não permitiria muito mais. “Gosto de aulas mais interactivas, deixo os alunos participarem muito. Muitas vezes improviso as aulas, sobretudo no 7º e 8º ano porque o 9º ano, devido à realização dos exames, é muito limitativo”. Das suas preocupações enquanto profissional, “tenho muito receio de ser condescendente demais”.

A opinião que os colegas de profissão têm a seu respeito... “eu não sei, eles é que poderiam falar, mas acho que nunca fui censurada por ser assim [muito próxima dos alunos]”.

### **D.3- Um olhar sobre a relação com os alunos (dentro e fora da sala de aula**

Esta docente é que mantém uma postura muito diferente, formal e até um pouco autoritária, dentro da sala de aula em relação à postura fora dela. Tem uma relação muito próxima e pessoal com os seus alunos, tão próxima que “agora até me chamam avó”, por isso, a postura dentro da sala de aula é uma característica que se destaca, “cá fora temos uma relação quase de amigo para amigo mas, na sala de aula, eles têm de ter noção...”.

Os alunos conhecem a sua história pessoal/familiar, da mesma forma que a professora conhece a vida pessoal e familiar dos seus alunos. A relação estende-se para fora dos muros da escola, a abordagem aos encarregados de educação também acaba por acontecer fora do espaço profissional. Questionada sobre isto, a professora responde que “eles falam da minha vida pessoal, eu até faço questão de falar de experiências pessoais. Às vezes, vão lá a casa, ou mandam-me mensagens para o telemóvel para eu ir à janela só para me cumprimentarem.”

Há um aluno que se destaca quando se trata de cumplicidade, uma relação extraordinária, “difícil de entender” mas que não se revela diferente dentro da sala de aula, em que há um tratamento igual para todos. Ao longo da sua carreira, já sucedeu acolher em sua casa um aluno durante um ano lectivo. Os laços que cria com os alunos na escola mantêm-nos fora dela, também devido ao facto de viverem na mesma zona, “há tantos, mas tantos miúdos que eu mantenho contacto”.

A heterogeneidade de alunos, as suas histórias e personalidades, faz com que haja uma enorme diversidade de experiências dentro da sala de aula. Os alunos com bons resultados escolares, fazem questão de se destacar na aula, nas turmas assistidas também tinham alunos com Necessidades Educativas Especiais. As duas turmas destacavam-se pelo companheirismo, são alunos onde existia muita entreaajuda, mas também muita competição. Quanto a isso, confessa “consigo conquistar miúdos difíceis, de classe social mais baixa mas não tolero miúdos de ‘nariz empinado’, de classe alta, que acham que podem tudo”.

#### **D.4- Um olhar sobre a Escola**

Como é natural do distrito, está “em casa”, mesmo assim, destaca grandes diferenças entre leccionar escolas com alunos de meios rurais e escolas da cidade. Esta escola em particular, onde lecciona há largos anos, não é a sua preferida, e também não concorda com algumas das decisões do Executivo. Mantém boas relações pessoais com os colegas de profissão, não só com os da escola, tal como todo o pessoal não docente.

### **Caso E – “Quando não estou cá [na Escola] um dia, acho que já não sobrevivo”**

#### **Dados biográficos**

Nome: Margarida

Idade: 39 anos

Naturalidade: Distrito de Beja

Anos de Carreira: 17 anos

Nº de anos lectivos na presente escola: 15

Escola onde lecciona: Escola 4

Estado Civil: Solteira (sem filhos)

Hobbies: Viajar

#### **E.1- Um olhar sobre o “eu pessoal”/Vida pessoal**

Estabilidade é a palavra dominante nesta história de vida. A professora Margarida é, de todos os casos, a que percorreu menos escolas. Terminado o estágio, apenas passou por uma Escola Básica, a poucos quilómetros da actual, durante um ano lectivo. A experiência não foi considerada positiva, pois além das dificuldades de deslocação (motivos pessoais) que dificultavam o cumprimento do horário, o comportamento dos alunos não era, segundo a sua opinião, o mais adequado. O mesmo comportamento que reprova, actualmente, na escola onde lecciona.

A separação do “eu pessoal” do “eu profissional” é extremamente difícil neste caso, ou talvez impossível. Está-se perante uma profissional que se dedica exclusivamente à profissão, em que o local de trabalho e a profissão servem como escape à vida pessoal. Tal sucede devido ao facto de exercer a sua actividade na sua terra natal. Como já foi referido ao longo desta investigação, o facto de se tratar de um meio pequeno, em que toda a gente se conhece, condiciona de alguma forma o modo de agir.

Como aluna teve alguns professores que a marcaram mas não ao ponto de influenciarem o seu percurso. As decisões da sua vida, como ser professora, foram tomadas por fases, quase sempre tendo em conta o momento da sua vida.

### **E.2- Um olhar sobre a profissão**

Ser docente é “ter muita paciência e, apesar de tudo, continuar a gostar daquilo que se faz porque cada vez é mais difícil”. Acrescenta que “o nosso papel vai muito além do papel de professores” referindo-se ao tipo de apoio que dá aos seus alunos.

A imagem que os colegas têm de si, da sua postura como professora não difere das dos alunos, todos reconhecem a dedicação quase total à profissão.

Quanto ao futuro... “eu digo que gostava de mudar de escola ou fazer outra coisa, mas acho que não sou capaz”.

### **E.3- Um olhar sobre a relação com os alunos (dentro e fora da sala de aula)**

A imagem que transmite, e que corresponde à realidade, é de uma profissional exigente, não a de uma docente que se deseje ter, à primeira vista. Mas, no primeiro momento, esse receio dos alunos é transformado num outro tipo de sentimento, mais positivo. As aulas revelaram isso mesmo, exigentes mas, ao mesmo tempo, com momentos de descontração e os seus alunos respeitam e nutrem simpatia pela docente. O contacto com eles acaba por se prolongar no tempo. Já com quase 20 anos de carreira, olha para os seus alunos (e mais para os seus ex-alunos) com um certo ar maternal. Confessa que o facto de ser Directora de Turma pode influenciar a sua relação com os alunos mas não é determinante para uma relação mais próxima.

Das duas turmas assistidas, bastante diferentes, a do 12º ano (com poucos alunos), em que revelou existir muita entreajuda, com bons resultados, bom comportamento, “é esta turma que vai deixar saudades, eles dão-se como irmãos”, confessou. A turma de 11º ano, mais agitada, mas igualmente participativa, e criativa, pois uma das aulas assistidas consistia na apresentação de um trabalho de pesquisa acerca de um determinado tema, na qual cada aluno apresentava perante a turma o seu trabalho. O resultado foi muito rico, permitiu inovação na aula, a participação e empenhamento de todos e, mais do que tudo, a alternativa, denominada de contrato de leitura, encontrada para a que os “25% da nota que corresponde à participação da aula seja dada com nota positiva”. Uma opção adoptada depois de sugerida por um ex-colega de trabalho e adoptada pela professora (e por outros profissionais na escola).

De referir que, as melhores experiências enquanto docente, e das boas relações com alunos, que teve foi no Ensino Recorrente, onde destaca o empenho extraordinário de alguns alunos.

#### **E.4- Um olhar sobre a Escola**

Desde o ano de 1994 a dar aulas na escola, logo como efectiva, permite que se estabeleçam outro tipo de relações profissionais e pessoais. Assume alguns cargos na escola, é uma pessoa respeitada, e com alguma influência, no meio escolar. O facto de ter uma posição estável e muito confortável na escola, nomeadamente, ter a possibilidade de constituir e escolher as turmas que quer leccionar faz com que “pactue”, por assim dizer, com o sistema que vigora na escola, embora também critique o comportamento dos alunos.

### **Caso F – “Sou um bocadinho a professora que as circunstâncias criaram”**

#### **Dados biográficos**

Nome: Teresa

Idade: 35 anos

Naturalidade: Distrito de Portalegre

Anos de Carreira: 10 anos

Escola onde lecciona: Escola 4

Estado Civil: Solteira (sem filhos)

Hobbies: tocar guitarra portuguesa

Nota: De todas as profissionais deste estudo, a professora Teresa foi a que se mostrou mais reservada, quer ao falar da vida pessoal, quer das experiências profissionais. A entrevista ficou pautada por grandes generalidades e poucos pormenores. Tal atitude justifica-se, claramente, pela sua difícil situação perante a profissão e perante os alunos.

#### **F.1- Um olhar sobre o “eu pessoal”/Vida pessoal**

A professora Teresa sempre foi boa aluna, quer na escola, quer no percurso universitário. A nota de fim de curso permitiu-lhe ter alguma facilidade de colocação e escolha. As escolas por onde passou foram sempre na região de Lisboa e Vale do Tejo e a Sul, Algarve e Alentejo.

#### **F.2- Um olhar sobre a profissão**

Ser docente... “sou um bocadinho a professora que as circunstâncias criaram. (...) Tenho confiança naquilo que transmito aos alunos e na forma como transmito. Digamos que, não penso que seja um génio como professora, não me considero um modelo mas também não me considero uma professora sofrível, uma professora que fez ali um cursinho numa escolinha, num “Institutozinho” e tal... e que depois fez uma profissionalização em serviço assim... daquelas que se fazem com uma perna às costas. Portanto, também não sou assim dessas... pronto, desse género. Mas penso que podia ser melhor se as condições também fossem melhores.”



A imagem que os colegas têm a seu respeito... diz ser muito diferente, até porque as pessoas são diferentes, o tipo de relação que se estabelece é igualmente diferente... “é muito difícil”.

Quanto ao futuro... prepara a sua saída do ensino, mas não sabe qual será o caminho a seguir.

### **F.3- Um olhar sobre a relação com os alunos (dentro e fora da sala de aula)**

“Estou num momento em que há um pacto de não agressão”, assim define o ambiente nas suas aulas. E foi isso que se verificou nas aulas assistidas. Uma turma de 9º ano e uma de 10º ano e, em ambas, a indisciplina imperou. A professora naturalmente não tem uma postura ativa e autoritária mas isto não justifica o comportamento a que se assistiu. Os alunos não respeitavam, não ouviam, não participavam... em determinado momento, a professora fala para o vazio. Foi alvo de provocações, o seu modo de agir é ameaçar “marcar falta”.

As más experiências são repetidas e não se limitam ao presente ano lectivo, pelo contrário, este conflito estende-se aos encarregados de educação. Por estes motivos, e apesar de aguardar transferência, pondera abandonar a profissão.

Questionada sobre o que mais aprecia num aluno, a resposta foi “neste momento, a capacidade de ouvir!”

### **F.4- Um olhar sobre a Escola**

A adaptação não foi fácil, a relação com a escola, meio escolar, também não é a mais fácil, logo não considera estar numa boa escola. Refere-se, sobretudo, à falta de apoio por parte dos Órgãos de Gestão para resolver os casos de indisciplina e de não assumirem uma postura mais protectora/de defesa para com os professores.

Quanto aos recursos que a escola dispõe, também destaca a falta de material que permitisse dar outro tipo de aulas.

Os últimos três anos de sucessivas más experiências profissionais fazem com que esta professora pondere mudar de profissão. Más relações com os alunos, visível durante as aulas assistidas, tanto no 9º como no 10º ano, em que não existia qualquer empatia ou harmonia dentro da sala de aula, a que a própria professora admitiu existir um “pacto de não agressão”. Inadaptação à Escola e à sua Gestão, a falta de apoio na

## Diferentes Olhares sobre um ponto comum: ser-se professor

resolução dos conflitos torna o exercício da sua profissão e da sua vida quase in comportável.

### **O olhar sobre os olhares... e algumas sugestões**

Os percursos pessoais/escolares/profissionais destas seis docentes enquadram-se no percurso de vida “tradicional”, nomeadamente, os estudos (superiores) e o início de carreira, assim como as motivações (pessoais, especificamente, o casamento) que ditam as suas opções na escolha das escolas ou da zona. A exceção dá-se no caso da professora Daniela, que iniciou a leccionação antes de ser formada. Pode-se estabelecer aqui três grupos distintos: por um lado, as professoras que não sendo naturais da região alentejana se fixaram, por motivos familiares, nos locais onde trabalham, e que se encontram numa situação estável a nível profissional, e têm uma opinião positiva acerca do estilo de vida que a região oferece, é o caso das professoras Maria e Bárbara. Depois, as professoras (Antónia e Teresa) que ainda passam por alguma indefinição profissional, embora por razões distintas, e que se preparam, no próximo ano lectivo, para abandonar as respectivas escolas. São as professoras mais novas dos seis casos, com pouco mais de 30 anos, que não constituíram família e que ainda não encontraram o rumo a seguir, aquilo que verdadeiramente desejam desta profissão. Finalmente, as professoras Daniela e Margarida, que revelam maior dificuldade em distinguir/separar a vida pessoal da vida profissional, pela forma como encaram a profissão. Estas docentes são as que têm maior estabilidade a nível profissional (exercem funções nas respectivas escolas há mais de 15 anos), cuja história de vida se assemelha (embora com núcleo familiar diferente), são naturais da região/local onde trabalham, o que acaba por condicionar a relação que estabelecem com a comunidade escolar e, muito importante, com os encarregados de educação.

Segundo a perspectiva desenvolvida por Huberman (1989), desenvolvida no capítulo I, o momento profissional que estas profissionais atravessam seria aquele em que, ou apostavam na carreira, em novas formas de leccionar, ou, pelo contrário, estes anos de carreira contribuiriam para que colocassem um ponto de interrogação quanto à sua profissão. Neste ponto, há uma grande convergência nas seis histórias, todas as professoras atravessam uma fase de grande desmotivação e de indefinição, mas tal sucede devido às constantes mudanças do sistema educativo e que, segundo estas professoras, leva a que a sua verdadeira função – ensinar – acabe por ficar em segundo ou terceiro plano. O momento da investigação coincidiu com alguma “agitação” política

mas que, desde logo, ficou esclarecido que não seria tratado neste trabalho, contudo, acaba por condicionar alguns dos resultados, nomeadamente, neste ponto. Este desapontamento abrange a Organização Escolar, muito criticada pelas professoras, e a falta de recursos para o desempenho do seu trabalho.

Este ciclo de vida do professor é aquele que, segundo a teoria deste autor, o docente estará mais próximo dos seus alunos. A relação de proximidade confirmou-se, embora, nestes casos, haja uma diferença entre a relação estabelecida dentro da sala de aula (geralmente mais formal) e fora desta. Também se verificou algum receio quanto ao futuro próximo (os novos alunos que entrarão para o 3º ciclo e Secundário), pois o papel do aluno já não corresponde à imagem criada, a imagem tradicional/romântica.

Quanto às aulas, ao modo como cada uma das docentes gere o seu tempo e a relação com os seus alunos, as expectativas que têm acerca do seu público ainda é também a tradicional, ou seja, impera a aula em que o professor assume o papel principal da interacção, embora confessem que fazem um esforço para que as suas aulas sejam participativas, mas nem sempre o conseguem, e os recursos não o permitem. Esperam que os alunos correspondam à imagem que estabeleceram, aos desafios que lançaram, às suas exigências, pois consideram ser o elemento motivador e de reconhecimento do seu trabalho, que sejam aquilo a que Becker denominou de “cliente ideal”, o que não se sucede.

Mais do que qualquer grande conclusão, este estudo permitiu um conhecimento da vida escolar e dos modos de se encarar a profissão docente e, tal como o autor António Nóvoa defende, o quão importante é dar especial atenção à pessoa que está por detrás do profissional, pois muitos são os factores que contribuem positiva e negativamente para um bom desempenho profissional. Foram várias as pistas encontradas e que poderão, futuramente, dar lugar a novas investigações, são elas:

- A modo como os próprios docentes encaram o seu papel não corresponde às novas exigências da vida escolar. A escola deixou de ser um lugar exclusivo de aprendizagem lectiva, é um meio de excelência de aprendizagens para a vida, e aquele em que os alunos e professores passam a maior parte do seu tempo diário. Esta consciencialização deverá, obrigatoriamente, levar a novas formas de acção por parte de todos os elementos que constituem a comunidade escolar, da mesma forma que as Escolas (a organização e gestão escolar) deverão estar preparadas para dar resposta às

novas realidades (o que já tem sucedido com a aposta em currículos alternativos). Sobre isto, e apesar de não ter sido contemplado neste estudo, seria muito interessante tentar estabelecer as diferenças que existem, efectivamente, nas relações que os professores estabelecem com alunos do ensino regular e do ensino “alternativo”, sendo que neste último, há um maior envolvimento emocional e maior proximidade do docente com o seu público;

- Conhecer e explorar as percepções e expectativas dos alunos relativamente aos professores, também eles terão um professor ideal? Quais as condições que os alunos consideram necessárias para um bom relacionamento com os seus professores?

- Outra questão que merece ser desenvolvida e que não coube, de todo, neste trabalho, é a importância/influência da política de cada escola, ou melhor, da gestão escolar no modo como cada professor desempenha o seu papel. Um dos pontos de destaque (e também uma das surpresas deste estudo) foi a falta de motivação associada à falta de confiança e de “entendimento” para com os órgãos de gestão e de poder.

# Anexos

## Diferentes Olhares sobre um ponto comum: ser-se professor

### Anexo 1 – Modelo da grelha de análise de observação de aulas (exemplo)

Escola 2

Professora: Maria

Ano/Turma: 9º (Direcção de Turma) (19 alunos)

Horário: 8.30 às 10.00 (2ª feira)

Primeiros 15 minutos...

- A professora chegou atrasada à aula (às 8.43). Justifica atrasado com doença da filha, ou seja, faz referência à vida pessoal/familiar.
- Os alunos já estavam na sala (sentados nos respectivos lugares) com uma outra professora (parceira pedagógica).
- A chegada da professora à sala serviu para discutirem datas de testes e possível greve.
- A professora anunciou que tinha corrigido os testes (faz referência à vida pessoal, especificamente, como correu o fim-de-semana).
- Professora faz comentário a alguns desempenhos no testes. “J. estava disposta a dar-te os 100%...”. Refere-se à aluna com os melhores resultados mas que, desta vez, não teve a melhor nota.

Início da aula às... 8.50

- Análise de personagens da obra “auto da barca do inferno”, com a participação espontânea de quase todos os alunos.
- Correção do Trabalho de Casa (TPC). Uma aluna (indicada pela professora) foi fazer a correção ao quadro.
- INTERRUPÇÃO: alguns alunos interrompem e desviam o tema da aula para perguntarem à professora sobre a entrada de dois novos alunos na Escola.
- Às 9.22 a professora procede à entrega dos testes, fazendo comentário ao desempenho de cada aluno mas não revelando a nota em voz alta.
- É feita a correção de parte do teste (questões de verdadeiro ou falso) em que cada um dos alunos lê e corrige, obrigatoriamente, uma pergunta. A correção é feita até ao final da aula.

Outros factos...

- A professora revelou (e foi confirmada pela própria, depois da aula) ter bastante intimidade com a turma. Além de os acompanhar desde o sétimo

ano, os próprios alunos conhecem-se desde a primária, é directora de turma. “Eu sei quem namora com quem, quem está apaixonado... sei tudo. Passo muito tempo com eles. Além das aulas de português, dou apoio e tenho a área projecto...”; O mesmo em relação aos encarregados de educação (EE), uma das formas de os “acalmar” era referir-se que em breve iria “tomar o pequeno-almoço” ou “almoçar” com o desse aluno.

- Os próprios alunos eram bastantes interventivos (tal como a professora tinha descrito), manifestavam bastante conhecimento da matéria abordada. A intervenção era feita de forma espontânea, sem terem de pedir permissão para falarem. A melhor nota no teste foi de 91,5%, a única negativa conhecida era de um dos alunos que revela dificuldades de aprendizagem, relacionado com défice de atenção...
- Os dois alunos referidos estavam sentados em dois dos quatro lugares na última fila da sala de aula. A relação entre os próprios colegas era de harmonia.
- Houve bastante discussão acerca das notas... Todos tentaram “recuperar” alguns pontos... fazendo passar a imagem de que a professora se teria enganado na correcção. A discussão foi mais intensa porque se tratava de questões de interpretação, as respostas foram dadas consoante a própria visão de cada um...
- A professora circulou quase toda aula pela sala... e ficou quase todo o tempo de pé. A “parceira pedagógica”, com o papel bastante mais apagado, limitava-se a complementar as ideias da professora e, numa ou outra situação, a “salvá-la” quanto esta já não tinha argumentos.
- Por fim, a professora, ao longo de toda a aula, fez apenas referência à presença da investigadora por 3 vezes.
- Depois da aula, prolongou-se a conversa em que foi dada e confirmada informação importante respeitante à turma.

## Anexo 2 - Guião de Entrevista

### 1- Relação com a Escola

1.1-Tempo que lecciona na Escola (e tipo de vínculo);

1.2-Adaptação à Escola e ao meio (cidade/vila, região, população);



## Diferentes Olhares sobre um ponto comum: ser-se professor

- 1.3-Tipo de recursos que a Escola dispõe.
- 2- Relação com os alunos (e, conseqüentemente, familiares/encarregados de educação)
  - 2.1-Relação dentro e fora da sala de aula;
  - 2.2-Características/comportamentos mais e menos apreciados nos alunos;
  - 2.3-Tipo de relação com os encarregados de educação/famílias dos alunos;
    - 2.3.1-Relação que se restringe ao espaço escolar ou não;
  - 2.4-Perante histórias de vida difíceis/especiais (por exemplo, alunos imigrantes não “totalmente” integrados, alunos com problemas familiares, etc.) como trata/trabalha com estes casos.
- 3- Olhar sobre o “eu pessoal”/Vida pessoal
  - 3.1-Ciclo de Vida
    - 3.1.1-Origem;
    - 3.1.2-A formação;
    - 3.1.3-Gostos pessoais;
  - 3.2-O professor enquanto aluno
    - 3.2.1-Experiências marcantes (professores, outros alunos, escolas, matérias, etc.).
  - 3.3-Situação pessoal actual (familiar, hobbies, etc.)
- 4- Olhar sobre a profissão/Carreira profissional
  - 4.1-Auto-definição como profissional;

## Diferentes Olhares sobre um ponto comum: ser-se professor

4.2-Opinião acerca da imagem que os outros têm de si (enquanto profissional);

4.3-Experiência profissional (escolas, alunos, colegas, etc.)

4.4-Expectativas quanto ao futuro profissional.